

Dívida de US\$ 100 bilhões não é problema

Dívida - Externa

Prof. Benedito Guidolin

Realmente, se o "Gigante Adormecido", resolver acordar para o mundo, à nossa tão discutida dívida externa nada significa em termos dramáticos. O drama maior que a sociedade brasileira enfrenta é a falta de coragem, a crise de confiança, o descrédito da população em todos os atos que emanam dos responsáveis pela gestão do país.

Enquanto o governo resolve, através do imposto de renda, arrecadar mais e mais dos contribuintes, cria o FND; aumenta os combustíveis, cria os depósitos compulsórios e outros gravames que cerceiam as iniciativas dos cidadãos, a sociedade nada vê de positivo ser realizado, estando as atenções concentradas nas discussões políticas estereis.

Há meses discute-se a Constituição, sem que até o momento nada tenha sido concluído de positivo, estouram os escândalos dos "marajás" em todos os Estados, acontecem os rombos dos Bancos Estaduais, enfim perde-se todo o tempo e energia para nada se acrescentar à riqueza nacional.

A sociedade não investe mais, desestimulada que está, não se criam mais empregos, não se dá o mínimo de preparo aos cidadãos para que sejam pessoas úteis, capazes e que aprendam a produzir para gerar riquezas. Ao contrário, adotou-se uma política distributivista, consumista, que durou pouco, como todos os sonhos.

Já não possuímos poupança nacional suficiente e as míseras reservas internacionais que estavam acumuladas, foram queimadas no consumo desenfreado entre fevereiro e dezembro de 86. Com que objetivos? Produtivos? Não, simplesmente para enganar a população e dar ao "maior" partido do Ocidente, a chance de ganhar eleições. E agora? Novamente para desviar a atenção de todos para os reais problemas da Nação, unilateralmente adotamos a moratória, que a todos envergonha.

Se as atuais leis forem realmente aplicadas para valer, se a razão prevalecer acima das paixões e interesses pessoais, setoriais e regionais, o país tem todas as condições de sair desse impasse e não só limpar a área internamente, como, efetivamente gerar riquezas para pagar sua dívida externa.

É necessário arregaçar as mangas, e mãos à obra, todos, efetivamente todos, trabalhando para o objetivo comum, ou seja resolver o nosso problema, que é apenas nosso e de mais ninguém.

Temos que encarar a realidade das Estatais, saneá-las, privatizá-las, torná-las eficientes, produtivas, é um dever moral, pessoal, de todos os brasileiros, sem apegarem-se à mesquinhez setorial, regional, ufanista, falsamente xenófoba. Se para isso for necessário convocar os empresários nacionais e estrangeiros, temos que fazê-lo sem medo, sem constrangimento já que não podemos realizar tudo sozinhos.

O Brasil tem adotado esse sistema desde a crise de 1929, quando pratica-

mente iniciamos nossa industrialização e nas fases seguintes como no pós-guerra, no período de Juscelino Kubitschek, Castelo Branco, na crise do petróleo, na guerra dos seis dias, na crise do dólar, fatos que nos obrigam a substituir importações, com a ajuda dos capitais multinacionais e que garantem ainda hoje os milhões de empregos no Brasil.

A crise atual pode muito bem ser superada e com grandes vantagens para o Brasil, se novamente, como no passado, procurarmos casar nossos interesses com os capitais multinacionais e tirarmos proveito para transformar essa dívida de US\$ 100 bilhões em investimentos tão prementes para sairmos da moratória.

Esses investimentos poderão ser dirigidos nos moldes de CDI, Belflex, Sudam, Sudene, para a agroindústria, construção de casas, infraestrutura, ferrovias, transportes, petroquímica, eletrônica e demais setores carentes de capitais e tecnologia.

O Governo, sendo o maior devedor nesse pacote de US\$ 100 bilhões deveria, sem se retirar 100% das Estatais, vender suas ações à iniciativa privada, continuar sócio do empreendimento mas, deixar a gestão dessas empresas aos novos acionistas, que sendo privados só terão interesse em gerar lucros e dividendos.

Esse fato somente livraria o Governo de enorme déficit interno, que hoje é o cerne do problema nacional e as forças e energias de todos, seriam concentradas na solução da dívida externa, que sem dúvida não é o maior nem o primeiro problema nacional.

Obviamente que somente esse fato, sem medidas concretas e paralelas na área da importação, exportação, câmbio, transportes internacionais, não solucionarão o nosso problema, mas já será um passo gigantesco em termos reais.

E o Governo tem todas as condições para realizar já tais medidas, pois tem maioria no Congresso, tem a quase totalidade dos Governadores e das Assembleias, além das prefeituras pelo Brasil afora.

Ao lado dessa medida, que aliviarão o déficit interno, o Governo deveria adotar ampla reforma na Área de Comércio Exterior, sem medidas paliativas, para gerar confiança nos empresários e executivos, para mediante ação duradoura, podermos gerar as divisas para o pagamento de nossa dívida.

Com a capacidade já demonstrada pelo Brasil, desde 1929, para enfrentar desafios e apesar dos problemas políticos já vencidos e com todos os recursos, materiais e humano que possuíamos, esses US\$ 100 bilhões nada representam e em poucos anos o liquidaremos e nos tornaremos a terceira potência do mundo. Mas precisamos de ação, trabalho, trabalho e trabalho, contínuo e pragmático.

(*) Economista e contabilista, atuando a mais de duas décadas na Área de Comércio Exterior, autor de várias obras sobre o assunto, Prof. na Área de Comércio Exterior na IOB e na Fund. Getúlio Vargas, atual Presidente da ADEDE e Vice-Presidente do IBRACEX.